

ENTREVISTA COM A PROFA. DRA. ANA MARIZA BENEDETTI: DIÁLOGOS SOBRE ENSINO-APRENDIZAGEM DE LÍNGUAS ESTRANGEIRAS E FORMAÇÃO DE PROFESSORES

Entrevistadores:

Olandina Della Justina¹

Juliana Freitag Schweikart²

Maria Amélia Conter de São José³

Edna Aparecida Jordão⁴

Elen Rose Zavitoski Deon⁵

Juliana Meira de Campos⁶

Julio Cesar Vicente da Silva⁷

Nilva Lorini Simioni⁸



Graduada em Letras (português/espanhol) pela PUC-RS, possui doutorado em Filologia Espanhola I pela Universidad Complutense de Madrid e pós-doutorado em Ensino e Aprendizagem de Português e Espanhol como línguas adicionais na Stockholms Universitet, Suécia. Atualmente é professora da UNESP, *Campus* de São José do Rio Preto, atuando na graduação e pós-graduação. É líder do grupo de pesquisas TEL - Tecnologias nos Estudos da Linguagem e foi pesquisadora principal do projeto Teletandem Brasil: Línguas estrangeiras para todos. Orienta pesquisas importantes e relevantes para a comunidade científica no nível de pós-graduação. Seu olhar atual, na condição de pesquisadora, se estende aos seguintes temas: análise e tratamento de erros, interlíngua, interculturalidade, estratégias de aprendizagem e de comunicação, crenças, ensino para fins específicos, ensino a distância e novas tecnologias para o ensino de LE (teletandem).

¹ Doutoranda em Estudos Linguísticos pela UNESP/IBILCE. Mestre em Estudos de Linguagem (UFMT) e especialista em Língua Inglesa (PUC-MG). É professora do Curso de Letras da UNEMAT/Sinop. Atualmente é Coordenadora de Área do PIBID-Letras-Língua Inglesa.

E-mail: olandina2008@hotmail.com

² Doutoranda em Estudos Linguísticos pela UNESP/IBILCE. Mestre em Linguística Aplicada (UNISINOS) e especialista em Inglês Instrumental (UFMT). É professora do Curso de Letras da UNEMAT/Sinop. Atualmente é Coordenadora de Área do PIBID – Letras – Língua Inglesa. E-mail: juliana@unemat-net.br

³ Especialista em Metodologia do Ensino Superior. Atuou desde 1990 como professora de língua inglesa na UNEMAT. Na ocasião da entrevista, era Coordenadora de Área do PIBID-Letras-Língua Inglesa. Atualmente é professora aposentada.

⁴ É graduada em Letras. Fez parte do PIBID-Letras-LI e atuou como Supervisora de Área em 2014 e início de 2015 quando aposentou-se na educação básica.

⁵ É graduada em Letras pela UNEMAT e Especialista em Língua Portuguesa pela Universidade Salgado de Oliveira. Tem atuado desde o ano 2000 na educação básica e em curso de idiomas. É Supervisora de Área (PIBID-Letras-LI-Sinop) na Escola Estadual Enio Pipino.

⁶ Especialista em Ensino-Aprendizagem de Língua Estrangeira pela FASIPE (2008). Leciona Língua Inglesa desde 1996 na rede estadual SEDUC/MT. Atualmente é Professora na Escola Estadual Professora Edeli Mantovani, e é supervisora do PIBID – Língua Inglesa na escola.

⁷ Possui graduação em Letras com habilitação em Língua Portuguesa, Língua Inglesa e Respektivas Literaturas pela UNEMAT e Especialização em Ensino-aprendizagem em Língua Estrangeira pela FASIPE. Tem atuado como professor de língua inglesa na educação básica desde 2003 e é Supervisor de Área (PIBID-Letras-LI-Sinop) na Escola Estadual Enio Pipino.

⁸ Especialista em Literatura Infante-Juvenil e Ensino e também em Psicopedagogia. Professora concursada na Rede Municipal de Educação de Sinop desde 2002. Supervisora do PIBID-Letras- Língua Inglesa-UNEMAT/Sinop.

Este texto tem como propósito compartilhar a temática discutida entre a pesquisadora e os professores integrantes do PIBID-Letras-Língua Inglesa resultante de diálogos aprazíveis e profícuos que fertilizaram ideias e proporcionaram reflexões ao grupo de entrevistadores. Esperamos que sejam também preciosas àqueles que objetivam a melhoria da qualidade de formação de professores e do ensino-aprendizagem de línguas.

Edna: *Considerando que a maioria das escolas oferece apenas uma hora/aula de língua estrangeira semanalmente limitando muitas possibilidades e ações de ensino-aprendizagem, como o professor poderia encontrar meios para despertar o interesse dos alunos e ter bons resultados no desenvolvimento da língua?*

Ana Mariza: Eu lamento que a língua estrangeira seja algo *periférico* na escola. Ela não é uma disciplina importante para a escola, o que é uma pena. Em outros países, alguns nos quais tive a oportunidade de viver, a língua estrangeira tem um protagonismo maior. Primeiro, porque a criança está na escola o dia inteiro. Nosso sistema é bastante enxuto, encolhido, a criança está somente um período na escola e nele tem que caber tudo o que ela deve aprender. Nesse formato tão enxuto, é necessário definir prioridades, e a língua estrangeira no sistema brasileiro nunca foi prioridade. O ensino da língua estrangeira é muito importante porque permite que você saia de sua zona de conforto, que é a própria cultura. E língua e cultura estão interligadas. Em uma única hora semanal não há como transportar esse aluno para outra cultura, como criar um ambiente de vivência na língua, especialmente quando se trabalha com crianças. Até se conseguir acomodá-las na sala de aula, já se gastou a hora de que se dispunha. Como a língua estrangeira não é prioridade, então se houver alguma coisa mais urgente a ser feita, é a língua estrangeira que vai ceder espaço e ficar de fora. No caso do adolescente, que está em uma fase transitória, de encontrar a si mesmo, é extremamente complicado para o professor, porque nem sempre consegue motivá-los. É importante dar mais voz ao adolescente, ouvi-lo, observá-lo, ver o que ele quer, o que ele gosta, e conhecer como o aluno aprende, preparar atividades que estejam de acordo com os interesses dele. É um pouco a experiência que nós tivemos com o TELETANDEM: o aluno decide sobre

o que ele vai conversar com seu parceiro, que é nativo ou proficiente na língua que ele quer aprender.

Elen: *Em seu artigo “O Professor de Língua Estrangeira para Crianças: conhecimentos teórico-metodológicos desejados” há um diagrama que apresenta as características necessárias ao profissional de Língua Estrangeira para Crianças (LEC). Na sua opinião, quais as características estão mais ausentes no processo de formação e por quê?*

Ana Mariza: Eu diria que praticamente todas estão bastante ausentes. No processo de formação já há um problema de preparo do professor em todas as competências. A universidade é bastante falha e está bastante atrasada na formação de um professor afinado com a sociedade atual. Um conceito bastante discutido, por exemplo, é o letramento. O termo surgiu na década de 70 e recém agora está sendo discutido como conceito importante para a formação do professor na universidade na qual trabalho, por exemplo. Discute-se letramento agora porque a tecnologia obrigou a que se resgatasse o seu conceito. A sociedade avança muito mais rapidamente que a universidade. Isso tem a ver muito com políticas educativas, com a falta de recursos, inclusive na própria universidade, que não forma bem o professor para atuar num modelo de sociedade altamente tecnológica. Há também o problema da formação da competência linguístico-comunicativa do professor. Ele é capaz de conhecer a língua como sistema, ou seja, sabe como a língua se organiza, mas não possui competência linguístico-comunicativa para sustentar um discurso interativo o tempo todo e em diferentes situações de uso dessa língua. As condições nas escolas também não são as melhores: há falta de recursos, equipamentos, carência de tudo, e o professor é “despejado” ali, tendo que se virar com as condições que encontra, e ainda receber um salário baixo. Muitas vezes, em determinadas escolas, o próprio aluno tem poder aquisitivo superior ao do professor ou já tem experiências muito mais significativas com tecnologias, etc., que o colocam em situação de superioridade frente ao professor. Em resumo, defendo que se deve melhorar a formação do professor, a formação na língua, a formação dele como professor no sentido de aprimorar as competências de que ele precisa no contexto sala de aula, melhorar as condições na escola. Além disso, professor e sociedade precisam

entender que o professor tem que estar em constante aprendizagem. Ele sai da universidade com um conjunto de conhecimentos que permitem sua entrada na escola e comece ali sua trajetória. A formação é algo permanente em nossas vidas. O PIBID já ajuda a responder a questão. É um programa que eu vejo com muita simpatia, justamente porque leva o aluno para o ambiente da escola, o aluno o vivencia, observa, aprende em ação, e depois retorna para a universidade. Esse ir-e-vir pode ajudá-lo a se preparar melhor para atuar nesse ambiente. Para vocês, que estão vivendo a experiência de serem supervisores de alunos, por exemplo, estão ajudando o aluno a aprender e também estão aprendendo com eles. Possivelmente, estão percebendo coisas que vocês não percebiam antes. A aprendizagem é uma via de mão dupla. Vejo essa troca como muito positiva.

Juliana M. C.: *Em seus artigos são expostos detalhes e reflexões sobre o Projeto TELETANDEM. Confesso que me encantei com o trabalho. Você poderia falar um pouco mais sobre ele, se os resultados são satisfatórios para a aprendizagem de línguas e também acerca dos desafios que lhe são pertinentes?*

Ana Mariza: O TELETANDEM promove atividades de interação, porque é dessa maneira que se aprende uma língua, ou seja, negociando o entendimento com a outra pessoa. As pessoas que participam do Teletandem são de culturas diferentes e, portanto, falam línguas diferentes, elas selecionam um tipo de informação que vai permitir o entendimento. Quando você interage com um nativo, no confronto para dominar a língua, é você que tem que se fazer entender e tem que se esforçar para entender o outro. O ponto positivo do TELETANDEM é justamente esse: dar oportunidades para realizar o exercício de entender um nativo, que usa a língua de uma maneira natural, e de compreendê-lo na sua língua. Todavia, pode ser um problema, porque ele não sabe a sua língua em toda a sua totalidade. Eu não sei toda a língua portuguesa, quer dizer, eu tenho o meu conhecimento particular da língua, que é fruto da minha experiência ao vivenciá-la desde o meu nascimento, e o vocabulário é constituído conforme o uso que faço dela. Muitas vezes, quando você está interagindo com uma pessoa que está aprendendo uma língua percebe que ela a aprendeu através de materiais diversos, pelo contato com diferentes professores que falam o inglês, por exemplo, e são influenciados

por determinada variante linguística, normalmente a maior prestígio ou a de ensino. O TELETANDEM provoca o embate entre as pessoas, não para falar de conteúdos da língua, não existe um programa definido, os assuntos são escolhidos segundo o interesse e as necessidades dos participantes ao se encontrarem. Recomenda-se sempre um encontro de duas horas por semana para que seja destinada uma hora para cada língua, sendo que os papéis se alternam. No TELETANDEM há princípios fundamentais que devem estar em consonância, em harmonia, e há que se respeitar a autonomia do participante na tomada de decisões quanto ao tema a ser tratado nas interações. Um escolhe o tema a ser discutido na língua do outro e vice-versa. Cada qual auxilia o outro naquilo que ele vier a precisar, na mesma medida em que recebe a ajuda do outro, que é onde entra a reciprocidade. Aparentemente, autonomia e reciprocidade são dois conceitos contraditórios. Normalmente, as pessoas tomam autonomia como um processo individual, mas nesse caso, a autonomia só se dá por intermédio da colaboração do outro. Em outras palavras, quem aprende define o tema a ser abordado e o outro é quem ensina. Na hora seguinte, invertem-se os papéis. Não é um processo fácil! A maior parte das parcerias, considerando que recomendávamos pelo menos três meses de contato, não teve sucesso. Evidentemente, houve parcerias que duraram quase um ano, porque se há empatia desde o início da interação, se os dois se entendem e se ajudam, o processo interativo pode se prolongar por bastante tempo. Porém, se não acontece essa empatia, a relação acaba logo no início. É um pouco assim, um processo de conquista. Em vários casos relatados, no primeiro encontro, aconteceu algum mal-entendido cultural, alguma coisa foi interpretada equivocadamente e a parceria se desfez, porque um dos participantes não quis continuar. Normalmente, as parcerias duravam mais de três meses. Algumas continuavam por seis, sete, oito meses de interação, sempre com um encontro por semana. Entendemos que há necessidade dessa frequência, pois quanto mais intenso o contato, mais se vivencia a língua e se aprende. Mesmo para marcar os encontros, os interagentes têm liberdade para negociar a agenda de trabalho. Os contatos que nós, professores universitários, fazemos para formar parcerias de teletandem são entre docentes que atuam na universidade ou pesquisadores que conhecíamos de outra instituição por meio da participação em eventos ou por outros tipos de contato, e nós propusemos as parcerias. O TELETANDEM foi uma transformação do TANDEM, que eram encontros presenciais que aconteciam em

qualquer lugar e as pessoas decidiam conversar nas duas línguas, invertendo os papéis, para uma forma mediada por tecnologia de comunicação a distância, por exemplo, o Skype.

Julio Cesar: *É comum nos depararmos com alunos desinteressados. Por mais que o professor se esforce para mostrar a importância de saber a língua inglesa, nem sempre é bem sucedido. Diante dessas circunstâncias, o que você sugere para que eles compreendam sua importância e se dediquem mais em aprendê-la?*

Ana Mariza: E se você perguntar quais palavras em língua inglesa eles usam normalmente, pode ser um bom começo. Verificar aquilo que eles já sabem da língua, que já usam habitualmente. Sabemos que eles usam muito o inglês, por meio da internet, das canções que ouvem. O problema não é a língua inglesa, é o sistema educativo como ele se apresenta. Primeiro, eu acho que o adolescente tem problemas de desmotivação que são próprios do seu desenvolvimento. Eu particularmente reconheço que é difícil motivar um adolescente. Vocês que são mães, sabem muito bem disso. É muito difícil lidar, especialmente quando eles estão nesta faixa entre dez a quinze anos. Passando dos quinze anos, eles já começam a ter interesses mais fixos, melhor definidos, porque já estão pensando no mercado de trabalho, naquilo que eles vão ser quando adultos. Contudo, na fase da adolescência, o interesse é bastante instável e eles não sabem quem eles são realmente. É muito difícil, justamente porque a aprendizagem da língua estrangeira acaba sendo também contaminada pelo desinteresse por outras matérias. Todo o ensino tem problemas, a escola brasileira tem problemas. O aluno que não gosta da língua hoje, pode mudar e talvez, se você voltar a encontrá-lo anos depois, é muito possível que você veja que ele passou a gostar, a ter interesse pelo inglês, porque é afetado por essa nova fase de desenvolvimento. Não só o inglês, eu acho que outras línguas estrangeiras. Enquanto na Europa os alunos aprendem duas, até três línguas estrangeiras, aqui no Brasil nós estamos ainda insistindo em uma, que é ensinada em apenas uma hora semanal. É pouquíssimo tempo. Acho que a saída poderia ser o Ensino Integral: criança ficaria o dia inteiro na escola e as atividades seriam melhor distribuídas e dosadas, já que ela teria a sua disposição um horário elástico para algumas disciplinas que requeiram um empenho maior e disciplinas que promovam

mais a atividade social ou atividades motoras. Na Suécia, onde morei por seis meses, observei que eles têm um sistema bem interessante: a criança vai à escola no horário que quiser, até um determinado horário. Ela tem a opção de estar na escola às sete da manhã, por exemplo, mesmo que as disciplinas principais do programa comecem só às nove. O aluno que chega mais cedo tem um leque de possibilidades para ocupar o seu tempo como, por exemplo, desenvolver atividades na internet, brincar, ler, ver televisão, assistir filmes, fazer o que ele quiser. A partir das nove, é que ele vai estudar as matérias do programa. Depois, à tarde, também há um outro horário em que ele vai fazer atividades físicas, artísticas e de entretenimento, as quais fazem parte do programa. É muito interessante, porque a criança acaba gostando de ir para a escola, justamente porque ela, em determinado período, pode fazer o que preferir. Ela vai para a escola às sete da manhã por escolha própria, porque lá brincará, terá momentos de sociabilização e ludicidade.

Nilva: *O que está faltando na formação acadêmica para que, ao término do curso de graduação, os alunos estejam preparados para atuar na disciplina de língua inglesa nas séries iniciais?*

Ana Mariza: Talvez uma atenção maior no sentido de promover conhecimentos específicos, generaliza-se muito porque forma-se o professor para qualquer situação e não se foca em nenhuma. Então, por exemplo, falta um entendimento melhor de como a criança aprende e das diferentes fases da evolução da criança. Outra questão é a aprendizagem de língua estrangeira, que acontece normalmente depois da alfabetização da língua portuguesa. Na escola brasileira, é muito raro que elas aconteça simultaneamente. Quando a criança vai aprender uma língua estrangeira, já desenvolveu estratégias de aprendizagem na língua materna. O processo de alfabetização da língua materna e as estratégias que ela já usa influenciam a aprendizagem da língua estrangeira, mas elas nem sempre são apropriadas para essa nova situação. Comumente são estratégias um pouco equivocadas, e a maneira com que se processa a informação e ela é apresentada para a criança molda, de certa modo, a cognição da criança. Quando ela vai aprender a língua estrangeira, é influenciada pelos mesmos mecanismos de quando foi alfabetizada em sua língua.

Juliana F. S.: *As ações do Projeto TELETANDEM têm proporcionado que tipo de competências linguístico-culturais? Para quais níveis os interagentes progridem a partir do momento que iniciam e por quanto tempo permanecem no programa?*

Ana Mariza: Eu vou começar pelo tempo no programa, pois a permanência no TELETANDEM depende do interagente e de sua experiência. Tivemos um caso em um estudo em que uma mesma pessoa interagiu com oito participantes estrangeiros. Ela ficou dois anos no programa e interagiu por períodos muito diferentes — porque o tempo de permanência com o parceiro depende da relação que você consegue estabelecer com ele, ou seja, da empatia que surge já nos primeiros encontros —. Ela teve experiências muito variadas, que se estenderam de dois, três, seis e até oito meses. Em uma delas, em que a duração foi de dois meses e meio e, sem nenhuma justificativa, perdeu o parceiro com o qual interagiu. Nós (pesquisadores) observamos que os interagentes norte-americanos participavam do TELETANDEM porque eles tinham que cumprir com a disciplina de Língua Portuguesa e a interação em teletandem era usada como parte da avaliação na referida disciplina. Eles cumpriam as atividades, interagiam, por exemplo, para produzir um glossário, um diário, entregar a gravação de tantas interações, etc. Quando conseguiam fechar o número de interações que a professora pedia ou cumpriam as atividades programadas, eles imediatamente abandonavam a experiência de TELETANDEM. Já os brasileiros não, como eram voluntários, ou seja, a atividade não tinha impacto direto na avaliação da disciplina de Língua Inglesa, eles pareciam interagir pelo prazer de fazê-lo e tentavam prolongar a experiência interativa por mais tempo possível. Quanto ao desenvolvimento das competências, desenvolve-se rapidamente a competência comunicativa, quer dizer, é a capacidade de usar a língua na comunicação. E se você usa a língua na comunicação, você vai adquirindo as estruturas da língua, elas fluem através da comunicação e o léxico também. Vai-se incorporando também a competência intercultural, porque você está em contato com uma pessoa que tem valores diferentes dos seus, que pensa de forma diferente, que reage de forma diferente. Esses aspectos ajudam muito na sociabilização, inclusive eu orientei um estudo que tinha como foco uma interagente brasileira de espanhol. Até conseguir fixar-se com um parceiro de teletandem, ela trocou três vezes. Observamos que, nas primeiras interações, ela perdia o parceiro porque não tinha tato na comunicação inicial, nesse

primeiro contato, pois não admitia ausências nos encontros de teletandem agendados. Ao estar *online* e ver que o parceiro não estava, ela imediatamente enviava uma mensagem ríspida, censurando o parceiro pelo atraso ou ausência. Em determinado momento, ela se deu conta de que não podia impor a sua vontade somente. Após várias tentativas, conseguiu um parceiro mexicano que interagiu no próprio local de trabalho. Assim, às vezes, quando o chefe dele estava por perto, ele tinha que abandoná-la, deixá-la esperando *online*, para fazer o trabalho dele. Para não perder o parceiro e a oportunidade de interagir com um falante proficiente em espanhol, ela teve que aprender a ser paciente. É bem uma questão de relação humana. No desenvolvimento da competência comunicativa, os interagentes dão um salto gigantesco, quando a interação dá certo, é claro.

Maria Amélia Conter de São José: *Na sua opinião, por que há tanta dificuldade em se aprender uma língua estrangeira no Brasil?*

Primeiramente, acho que não damos valor suficiente às línguas estrangeiras. As línguas estrangeiras no Brasil ainda são vistas como um capricho, algo que só a elite tem acesso. Então, nós temos que mudar nossa percepção de línguas estrangeiras, pois o conhecimento delas é, inclusive, importante para compreendermos a própria língua materna. Nós nos tornamos melhores quando aprendemos outra língua, porque aprendemos a ver o mundo através de um outro olhar. Isso é aprender língua estrangeira: ver o mundo de outra perspectiva que não a da língua materna. Idealiza-se, ainda, a aprendizagem de uma língua estrangeira como um processo de memorização de palavras e regras, quando na verdade, é um processo de negociação de ideias, de conceitos e valores. Então, acho que ainda deve mudar o conceito de língua estrangeira em nosso contexto e do que ela representa para nossa vida.

Olandina: *Quanto ao PIBID, é a primeira vez que há um programa de formação de professores em que as licenciaturas recebem auxílio financeiro do governo federal para melhor qualificar seus alunos. Nesse processo entra a escola como importante protagonista, na qual congrega-se a sabedoria, experiências e competência dos professores de língua inglesa e, juntamente, está a universidade com o seu papel de*

formadora. Como você avalia essa iniciativa como uma possibilidade de melhorar a formação de um programa dessa natureza?

Ana Mariza: Avalio muito bem. Eu lembro de minha formação como professora na graduação: Primeiro tínhamos os conteúdos pedagógicos e depois montávamos uma aula e a ministrávamos para nossos colegas. Era totalmente irreal. Se eu for trabalhar com adolescentes, por exemplo, eu tenho que viver a experiência com adolescentes e não preparar uma aula para desenvolver com os meus colegas. Eu ia para escola para simplesmente cumprir aquelas aulas do estágio e pronto, aulas que eu já havia ensaiado com os colegas e que a professora da disciplina de Prática de Ensino já havia visto. Recebíamos uma avaliação da escola, que não era uma avaliação de fato. Não havia um *feedback* do meu trabalho com as crianças ou com os adolescentes, simplesmente assinávamos um papel que tínhamos cumprido aquela atividade. Eu acho que isso foi muito falho, porque depois quando eu fui para escola, na condição de professora, tive que me virar, como a maioria dos professores recém formados. Foi um problema sério, pois eu não tinha tido a oportunidade de ser uma observadora e de aprender com quem já estava atuando. Então, eu não sei o programa continuará no futuro, pois depende de quem governa o país, isso está ligado a questões políticas, mas penso que é uma iniciativa interessante, assim como a iniciação científica. Inclusive, a iniciação à docência também possui um ensaio na educação superior com alunos de mestrado e doutorado que têm bolsas da CAPES. Os pós-graduandos ministram aulas junto aos professores da universidade, desenvolvendo uma parte da carga horária pertinente ao curso. Todavia, ainda é uma experiência limitada no Brasil. Na Suécia, por exemplo, os alunos quando ingressam no doutorado ganham uma bolsa não só para cursá-lo, mas também para atuarem como professores nos primeiros anos da graduação. Eles assumem as aulas na condição de professores aprendentes da própria universidade. Mas aqui ainda preservamos a mentalidade do “pouquinho”, do ensaio. Entendo que se deva proporcionar experiências que sejam bastante amplas para o professor, para que ele permaneça na escola por mais tempo, que aprenda com aqueles que têm experiências e, ao mesmo tempo, forneça meios para que os experientes também reflitam sobre suas ações. Isso é colaboração. Sempre que houver trocas, haverá aprendizagem.

Olandina: Queremos agradecer, em nome do PIBID-LI, a sua gentileza por ter-nos concedido esta entrevista e o carinho com o qual nos trata sempre. Agradecemos por aceitar compartilhar conosco seu conhecimento construído de tantas experiências, leituras e pesquisas.

Ana Mariza: Eu é que agradeço a oportunidade, pois conversando com vocês, pude me avaliar também e verificar que outras possibilidades eu tenho. É uma boa ocasião para reflexionar e repensar as minhas crenças, de ressignificá-las. É uma oportunidade de me ver no espelho e de me transformar. Um momento singular de intercâmbio de experiências e de pontos de vista. Fico muito feliz pela oportunidade de conhecê-los.

Recebido em 18/06/2015.
Aprovado em 24/06/2015.